

«Não tinha alternativa». Jerusalém, Auschwitz, Berlim (2008-2010) | de Sandra Costa

Otto Jogmin era porteiro e zelador no número 18, Wielandstraße, em Charlottenburg, Berlim. Entre 1941 e 1945, Otto ajudou e escondeu, temporária ou permanentemente, cerca de 30 judeus. Inicialmente, a ajuda não era mais do que arranjar comida e medicamentos para os inquilinos judeus do prédio ou facilitar a entrada de novos moradores excluindo do livro de registos a sua filiação religiosa. Mas quando a vaga de deportações aumentou, bem como os pedidos de ajuda, ele transformou a cave do prédio do número 18 num abrigo onde escondeu várias pessoas, para as quais arranjava também alimentos. Otto colocou várias vezes a sua vida em perigo, tendo o número 18 sido denunciado e visitado diversas vezes pela Gestapo mas, felizmente, sempre conseguiu sair ileso dos interrogatórios. Quando, numa entrevista concedida em 31 de Maio de 1985, lhe perguntaram porque ajudou os judeus perseguidos na Alemanha nazi, Otto apenas respondeu: «Ali, eu era a única pessoa que os podia ajudar. Ou o fazia ou não o fazia. E, perante isto, não tinha alternativa.»¹

Para além da afirmação admirável de Otto Jogmin, na Casa da Conferência de Wannsee, perto de Berlim, onde na manhã de 20 de Janeiro de 1942 se realizou a reunião que iria aperfeiçoar a «solução final do problema judeu», uma outra história retratada numa fotografia me emocionou. No dia 7 de Dezembro de 1970, Willy Brandt era o primeiro Chanceler alemão a visitar a Polónia após a guerra e a participar numa cerimónia comemorativa das vítimas judias da revolta do Gueto de Varsóvia de 1943, junto do Memorial de Nathan Rapaport. Inesperadamente, a meio da cerimónia, Willy Brandt, em silêncio, ajoelha-se perante o memorial, num profundo e espontâneo gesto de arrependimento e perdão. Mais tarde, Brandt descreveria assim os seus pensamentos naquele dia: «Um peso invulgar acompanhava-me naquela viagem até Varsóvia. Nenhum outro povo sofrera como o da Polónia. O assassinato em massa dos judeus polacos representava uma sede de sangue que ninguém julgara ser possível. Naquela viagem até Varsóvia [carregava comigo] a memória da luta até à morte do Gueto de Varsóvia» e ele «tinha de fazer algo para expressar a particularidade daquela comemoração no Memorial do Gueto. Perante o abismo da história alemã e carregando o peso dos milhões que foram assassinados, fiz o qualquer um faz quando as palavras lhe falham»². Provavelmente, no momento em que se ajoelhou, Willy Brandt, opositor ao nazismo e exilado desde 1933, sentiu que, também ali, não tinha alternativa.

¹ *La Conferencia de Wannsee y el Genocidio de los Judios Europeos. Folleto de exposición permanente.* Casa de la Conferencia de Wannsee - Memorial y Centro Educativo, Berlim, 2007.

² <http://www2.facinghistory.org/Campus/Memorials.nsf/0/DC396F572BD4D99F85256FA80055E9B1>

Dois anos depois de Jerusalém, onde alguém do primeiro grupo de professores portugueses a frequentar o Seminário do Yad Vashem sobre o ensino e a memória do Holocausto partilhou numa sessão que o pedido que colocara no Muro das Lamentações ia no sentido de se alguma vez fosse colocada perante situações extremas como as do Holocausto que pudesse agir como uma Justa entre as Nações e não como observadora passiva; um ano depois do imenso silêncio que se ouve entre as árvores de Treblinka onde nada resta dos 870000 que lá morreram; muitos anos depois do tema do Holocausto ter entrado na minha vida, a questão da alternativa continua, pois, a ser a questão essencial que me coloco (e que, por inerência, coloco aos meus alunos): que teria feito eu, que teriam feitos vocês, naquela época, perante a alternativa com que nem sequer se debateu Otto Jogmin?

A história de Otto Jogmin não é única na Alemanha, nem nos países ocupados pelos nazis. Mas não foi a norma. Fiquemo-nos pela Alemanha: a norma foi aceitar um processo de discriminação baseado na lei; a norma foi delirar com os discursos dos chefes e a imponência dos comícios e dos desfiles; a norma foi, civilizadamente, assistir às deportações que se desenrolavam de uma forma ordeira e meticulosa; a norma foi ocupar as casas e ficar com os bens dos que tinham sido obrigados a emigrar ou dos que foram deportados, quando muito por uma bagatela simbólica em nome da lei; a norma foi fingir que nada de importante acontecia até porque nunca se ficou com a casa de ninguém, nunca se chamou parasita ao antigo vizinho judeu, não se é do Partido nem nunca sequer se leu o «Mein Kampf» do Führer e perante o que me podia acontecer e à minha família não tinha alternativa...

Em 2010, na Alemanha dos memoriais, onde a história parece ter-se tornado memória colectiva e memória cultural, como refere Esther Mucznik³, e o gesto de Willy Brandt provavelmente não seria mais controverso como o foi em 1970, aparentemente tudo isto está distante, aparentemente tudo isto é irrepetível. No entanto, o travo que de lá trago é amargo, sabe-me a algo muito frágil e terrivelmente injusto. Em 1933, aparentemente tudo o que viria acontecer nos anos seguintes era impossível e inacreditável: os *einatzgruppen*; Treblinka e Auschwitz-Birkenau; as marchas de morte; os poemas de Paul Célan e de Benjamin Fondane; as zonas cinzentas que tanto angustiavam Primo Levi; os nazis que fugiram ou foram reintegrados na sociedade alemã... Mas tudo isto, e muito mais, aconteceu e foram homens e mulheres como nós que tornaram tudo isto possível pelo que volto àquela questão essencial: que teria feito eu, que teriam feitos vocês, naquela época, perante a alternativa com que nem sequer se debateu Otto Jogmin?

Bárbara Distel, Directora do Memorial e Museu do campo de concentração de Dachau durante 30 anos, perante a pergunta “serve todo este trabalho de memória de lição para o futuro?” respondeu “Não sei. Éramos ingénuos quando clamávamos ‘nunca mais’. Mas não temos alternativa, não há alternativa”. Como ela, como

³ “Nos passos da memória” in *Público*, 27 de Agosto de 2010.

Willy Brandt, como Otto Jogmin, como muitos outros na Alemanha e nos países ocupados pelos nazis, como alguém no Muro das Lamentações, como professora e como pessoa, resta-me acreditar (como Sónia Huli Bernfeld, filha de uma sobrevivente do Holocausto que perdeu a fé, acredita em Deus exactamente porque a mãe sobreviveu) que também eu não terei alternativa, que o mundo não terá alternativa.

28 de Agosto de 2010